

Gráfico 2.1 – Índice Regional de Atividade Econômica do Banco Central – Nordeste (IBCR-NE)



Gráfico 2.2 – Comércio varejista – Nordeste



Fonte: IBGE

Tabela 2.1 – Comércio varejista – Nordeste

Geral e setores selecionados

Setores	2010	Variação % no período		
		2011		
		Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	12,3	1,2	3,0	10,6
Combustíveis e lubrificantes	6,3	0,7	1,2	5,2
Hiper e supermercados	10,4	-1,8	2,6	6,2
Móveis e eletrodomésticos	21,5	9,1	0,5	21,9
Eq. e mat. p/esc., inf. e com.	13,9	8,9	-0,8	4,6
Comércio ampliado	13,5	1,8	2,2	10,9
Automóveis e motocicletas	17,4	1,0	2,0	13,6
Material de construção	13,9	1,0	1,4	6,6

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O ritmo de atividade no Nordeste mostra sinais de dinamismo. De fato, o comportamento dos principais indicadores de atividade econômica no decorrer do segundo trimestre do ano revela desempenho favorável da economia regional, evidenciado pelo crescimento do comércio varejista e da indústria, e pela recuperação da safra agrícola, esta favorecida pelas boas condições climáticas do período. Nesse cenário, o IBCR-NE cresceu 2,6% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando se elevava 0,8%, considerados dados dessazonalizados.

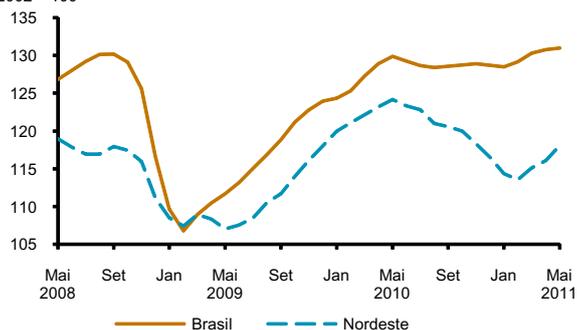
As vendas varejistas no Nordeste¹ cresceram 3% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando aumentaram 1,2%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, do IBGE, ressaltando-se os aumentos assinalados nos segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, 5,1%, e tecidos, vestuário e calçados, 4,8%. O comércio ampliado, evidenciando as variações registradas nas vendas de material de construção, 1,4%, e de veículos, motos, partes e peças, 2%, cresceu 2,2% no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista da região cresceu 10,6% em maio, em relação a igual período de 2010, ante 12% em fevereiro. Registraram-se aumentos nas vendas em todos os segmentos considerados na pesquisa, destacando-se os relativos a móveis e eletrodomésticos, 21,9%, e a livros, jornais, revistas e papelaria, 17,6%. Incorporadas as elevações respectivas de 13,6% e 6,6% observadas nas vendas de veículos, motos, partes e peças, e de material de construção, o comércio ampliado da região registrou crescimento de 10,9%, no período.

A produção industrial da região recuou 0,2% no período de doze meses encerrado em maio, em relação a igual intervalo de 2010, de acordo com a Pesquisa Industrial

1/ Os dados relativos à região foram obtidos a partir da agregação do índice do volume de vendas de cada unidade da Federação, ponderados pela participação da variável receita bruta de revenda de cada unidade da Federação na receita bruta total da região, constante da Pesquisa Anual de Comércio do IBGE.

Gráfico 2.3 – Produção industrial – Nordeste
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.2 – Produção industrial – Nordeste
Geral e setores selecionados

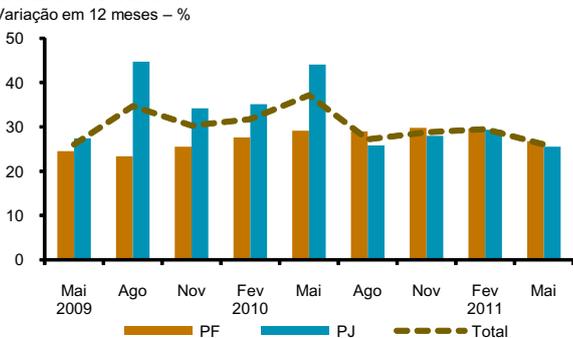
Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2010	2011	
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-4,0	4,0	-0,2
Indústria extrativa	7,4	-0,3	-0,1	0,1
Indústria de transformação	92,9	-4,5	5,2	-0,2
Alimentação e bebidas	25,3	0,9	1,8	5,9
Química	19,5	-25,8	24,4	-11,8
Refino de petróleo e álcool	13,6	-2,2	5,2	3,0
Têxtil	7,9	-5,8	2,8	-7,1

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Nordeste^{1/}
Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Tabela 2.3 – Produção agrícola – Nordeste
Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Var. %
		2010	2011	
Produção de grãos		11 779	16 151	37,1
Soja	13,8	5 304	6 229	17,4
Milho	7,6	4 145	6 207	49,7
Feijão	4,5	597	1 165	94,9
Outras lavouras selecionadas				
Cana-de-açúcar	17,1	69 255	72 163	4,2
Mandioca	6,7	8 127	8 474	4,3

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2009.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2011.

Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE. Ocorreu expansão de 0,1% na indústria extrativa e retração de 0,2% na de transformação, com ênfase nos decréscimos nas indústrias química, 11,8%, e têxtil, 7,1%. Na margem, considerados dados dessazonalizados, a indústria nordestina expandiu 4,4% no trimestre finalizado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, quando havia recuado 4,2%, no mesmo tipo de comparação. Registraram-se, no período, redução de 0,1% na indústria extrativa e aumento de 5,2% na de transformação, destacando-se os desempenhos das indústrias química, 24,4%; de refino de petróleo e álcool, 5,2%; e de alimentos e bebidas, 1,8%, setor de maior peso na estrutura industrial da região, influenciado pelo dinamismo da indústria sucroalcooleira.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas na região totalizou R\$192,7 bilhões em maio, elevando-se 4,5% no trimestre e 26% em doze meses. O estoque contratado no segmento de pessoas jurídicas totalizou R\$108,3 bilhões, aumentando 4,1% e 25,5%, respectivamente, nas bases de comparações mencionadas, enquanto o volume relativo ao segmento de pessoas físicas somou R\$84,4 bilhões, elevando-se 5% no trimestre e 26,7% em doze meses. No âmbito das empresas, ressalte-se o dinamismo das modalidades capital de giro, conta garantida e aquisição de bens, e no relativo às famílias, o desempenho das operações de crédito consignado, financiamento a veículos e financiamentos habitacionais. A taxa de inadimplência atingiu 3,38% em maio, ante 3,16% em fevereiro, registrando-se elevações respectivas de 0,35 p.p. e 0,22 p.p. nos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas, nos quais as taxas situaram-se, na ordem, em 4,92% e 2,23%.

A safra de grãos do Nordeste deverá crescer 37,1% em 2011, de acordo com o LSPA de junho do IBGE, ante projeção de 8% para o país, totalizando 16,2 milhões de toneladas e correspondendo a 10% da produção nacional, comparativamente a 7,9% em 2010. Estão previstos crescimentos para as colheitas de feijão, 94,9%; milho, 49,7%; e soja, 17,4%, principais lavouras da região, que deverão responder por 84% da produção anual de grãos. Os preços favoráveis, o ritmo das demandas doméstica e externa e os reduzidos estoques mundiais incentivaram a cultura de algodão em caroço, que deverá aumentar 56,6% no ano e registrar volume recorde na Bahia. Em relação às demais culturas, ressaltem-se os acréscimos estimados para as safras de arroz, 31,4%; mandioca, 4,3%; e cana-de-açúcar, 4,2%.

A balança comercial do Nordeste registrou déficit de US\$1.880,5 milhões no primeiro semestre do ano, ante

US\$59,7 milhões em igual período de 2010, reflexo de crescimentos de 33,1% nas importações e de 9,8% nas exportações, que somaram US\$10.340 milhões e US\$8.459,5 milhões, respectivamente.

Tabela 2.4 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste			Brasil
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	7 707	8 459	9,8	32,6
Básicos	2 064	1 731	-16,2	45,2
Industrializados ^{1/}	5 643	6 729	19,2	23,0
Semimanufaturados	2 276	2 967	30,4	30,7
Manufaturados ^{1/}	3 367	3 762	11,7	20,5

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.5 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste			Brasil
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	7 766	10 340	33,1	29,5
Bens de consumo	684	1 000	46,2	33,3
Duráveis	493	720	45,9	38,8
Não duráveis	190	280	47,1	26,1
Bens intermediários	3 852	5 154	33,8	24,7
Bens de capital	1 387	1 601	15,4	30,4
Combustíveis e lubrificantes	1 844	2 585	40,2	39,2

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.6 – Evolução do emprego formal – Nordeste

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010			2011	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	55,3	147,6	196,4	-28,9	-1,9
Indústria de transformação	-34,4	37,1	76,8	-25,7	-51,2
Serv. ind. de utilidade pública	0,1	0,9	0,5	0,8	1,1
Construção civil	34,5	31,2	23,5	-13,7	10,2
Comércio	13,9	15,3	48,0	7,5	6,9
Serviços	37,2	39,0	42,3	21,6	27,0
Agropecuária	3,3	21,7	4,2	-19,5	3,5
Outros ^{2/}	0,7	2,4	1,0	-0,1	0,7

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

A evolução das exportações, traduzindo variações de -15,4% no *quantum* e de 29,8% nos preços, decorreu de aumentos das vendas em todas as categorias de fator agregado, exceto na de bens básicos, a qual, evidenciando o decréscimo de 51,7% nos embarques de minérios de ferro, recuou 16,2% no período. As exportações de produtos semimanufaturados cresceram 30,4% – com ênfase no aumento de 46,1% nas vendas de açúcar em bruto – e as relativas a produtos manufaturados, 11,7%. EUA, Argentina, Rússia, China e Holanda adquiriram, em conjunto, 45,7% das vendas externas da região no período.

As importações, com elevações de 8,8% no *quantum* e de 22,4% nos preços, refletiram o crescimento das aquisições em todas as categorias de uso, com destaque para o de 47,1% nas de bens de consumo não-duráveis. As compras de bens intermediários cresceram 33,8% e as de combustíveis e lubrificantes, 40,2%, com ênfase nos aumentos das compras de querosenes para avião, 51,7%, e de óleo diesel, 36%, o principal item da pauta. As importações provenientes dos EUA, Argentina, China, Índia e Chile representaram, em conjunto, 49,2% do total.

De acordo com as estatísticas do Caged/MTE, foram eliminados 1,9 mil postos de trabalho na economia nordestina no trimestre encerrado em maio de 2011, ante a criação de 55,3 mil empregos formais no mesmo período do ano anterior. A reversão refletiu, em especial, a eliminação de 14,1 mil vagas registrada, em conjunto, nas atividades construção civil, indústria de transformação e serviços, que haviam sido responsáveis pela criação de 37,3 mil empregos formais no trimestre finalizado em maio de 2010.

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal cresceu 1,3% no trimestre encerrado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, registrando-se aumentos em todas as oito atividades pesquisadas, com ênfase nos relativos à agropecuária e à indústria extrativa mineral, ambos de 2%.

A inflação, medida pelo IPCA, atingiu 1,32% no trimestre encerrado em junho, ante 2,15% naquele finalizado em março, movimento decorrente dos impactos das desacelerações, de 2,20% para 1,44%, nos preços monitorados, e de 2,12% para 1,27%, dos preços livres. A

Tabela 2.7 – IPCA – Nordeste

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2010	2011		Ano
		Ano	I Tri	II Tri	Ano
IPCA	100,0	5,86	2,15	1,32	6,08
Livres	71,3	7,05	2,12	1,27	6,65
Comercializáveis	37,5	6,80	0,46	0,94	6,05
Não comercializáveis	33,8	7,34	3,97	1,62	7,32
Monitorados	28,7	3,00	2,20	1,44	4,66
Principais itens					
Alimentação	25,8	9,57	1,82	0,81	7,79
Habitação	11,9	3,55	0,88	3,26	5,60
Artigos de residência	3,8	2,61	0,22	0,82	2,45
Vestuário	8,2	10,21	1,31	3,29	10,84
Transportes	16,6	2,43	3,15	-0,16	3,31
Saúde	12,4	4,93	1,23	1,79	5,13
Despesas pessoais	9,2	5,77	3,14	2,08	7,18
Educação	6,9	7,75	6,93	0,30	7,67
Comunicação	5,2	0,64	0,74	0,26	1,71

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2011.

evolução dos preços monitorados, contribuindo com 0,14 p.p. para a inflação trimestral da região, refletiu, em grande parte, os reajustes nos itens taxa de água e esgoto, 7,01%, energia elétrica residencial, 5,72%, telefone celular, 2,08%, e plano de saúde, 1,85%.

No âmbito dos preços livres, registrou-se recuo, de 3,97% para 1,62%, na variação dos preços dos itens não comercializáveis, influenciado, principalmente, pelas reduções nos itens tubérculos, raízes e legumes, pescados e transportes. Houve aumento, de 0,46% para 0,94%, na variação dos preços dos itens comercializáveis, ressaltando-se os ocorridos nos preços dos itens vestuário, panificados e artigos de limpeza. O índice de difusão, evidenciando maior disseminação dos reajustes de preços na região, aumentou 0,26 p.p no trimestre, para 45,1%.

Após registrar perda de dinamismo no primeiro trimestre do ano^{2/}, a economia nordestina experimentou recuperação, na margem, no trimestre encerrado em maio. No decorrer do ano, a atividade na Região deverá ser favorecida pelos programas sociais, pela expansão do mercado de trabalho, pelos financiamentos imobiliários e pelos investimentos públicos e privados anunciados para a região.

2/ A projeção de crescimento do PIB regional em 2011 calculado pelo Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (Etene/BNB) foi revista de 5,4% em abril para 4,4% em junho de 2011.

Bahia

A economia baiana registrou, no primeiro trimestre de 2011, expansão de 2,5% em relação a igual período de 2010, e, considerados dados dessazonalizados, retração de 0,6% em relação ao trimestre anterior, de acordo com estatísticas da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). A evolução interanual refletiu expansões de 7,2% na agropecuária e de 3,4% no setor de serviços, com ênfase no dinamismo dos segmentos transporte e comércio varejista, que cresceram, 13,9% e 7,8%, respectivamente. Em sentido contrário, a indústria, em parte reflexo da paralisação de importantes unidades fabris decorrente da interrupção do fornecimento de energia em fevereiro, recuou 0,5% no trimestre. O IBCR-BA, evidenciando movimento de recuperação, na margem, da economia do estado, registrou expansão de 2% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando havia decrescido 0,4%, no mesmo tipo de comparação.

Gráfico 2.5 – Índice Regional de Atividade Econômica do Banco Central – Bahia (IBCR-BA)

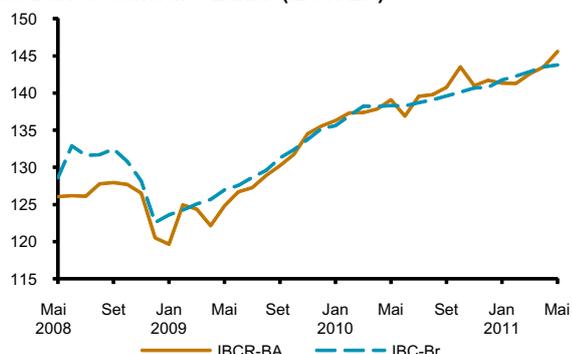
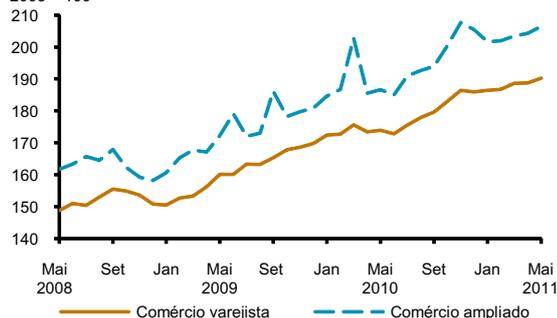


Gráfico 2.6 – Comércio varejista – Bahia

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.8 – Comércio varejista – Bahia

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2010		2011	
	Nov ^{1/}	Fev ^{1/}	Mai ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	4,3	1,8	1,5	8,7
Combustíveis e lubrificantes	2,9	0,3	1,6	5,8
Hiper e supermercados	1,3	-2,6	3,6	3,2
Tecidos, vestuário e calçados	1,0	3,6	3,9	8,4
Móveis e eletrodomésticos	12,9	8,8	-0,7	21,6
Livros, jornais, revistas e papelaria	12,2	8,6	-2,9	9,6
Comércio ampliado	5,9	1,2	0,8	9,0
Automóveis e motocicletas	10,8	0,6	-2,5	10,4
Material de construção	0,6	0,4	0,8	6,1

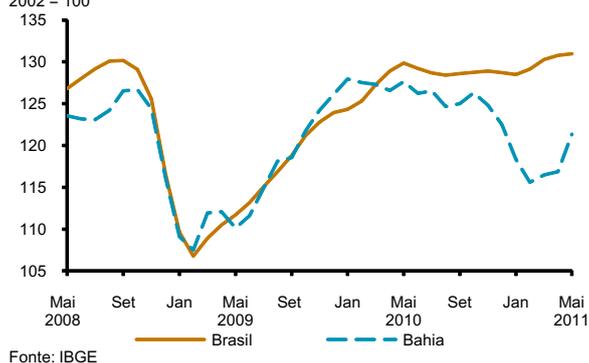
Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

As vendas do comércio varejista baiano cresceram 1,5% no trimestre finalizado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, quando haviam aumentado 1,8%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Registraram-se, no período, resultados positivos em cinco dos oito segmentos que integram a pesquisa, ressaltando-se os relativos a tecidos, vestuários e calçados, 3,9%, e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, 3,6%, enquanto, em sentido inverso, as vendas de livros, jornais, revistas e papelaria recuaram 2,9%. Incorporadas as variações respectivas de 0,8% e -2,5% nas vendas de materiais de construção e de veículos, motos, partes e peças, o comércio ampliado cresceu 0,8% no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, as vendas do comércio varejista aumentaram 8,7% em maio, em relação a igual intervalo de 2010, ante 9,8% em fevereiro, persistindo a trajetória de desaceleração no ritmo de crescimento iniciada no último trimestre do ano anterior. Destacaram-se, no período, as elevações nas vendas de móveis e eletrodomésticos, 21,6%, e de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 12%, contrastando com o recuo de 7,9% registrado nas relativas a equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação. O comércio ampliado, incorporando aumentos respectivos de 10,4% e 6,1% nas vendas de automóveis e motocicletas, e de material de construção, cresceu 9% nessa base de comparação.

Gráfico 2.7 – Produção industrial – Bahia
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.9 – Produção industrial – Bahia
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2011		Acumulado em 12 meses
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	
Indústria geral	100,0	-7,4	4,9	-2,0
Indústria extrativa	4,9	-0,3	-0,7	5,8
Indústria de transformação	95,1	-7,5	4,6	-2,4
Produtos químicos	30,9	-27,3	21,7	-14,7
Ref. petróleo e prod. álcool	24,2	-3,1	5,0	2,6
Alimentos e bebidas	13,9	3,6	4,1	10,0
Celulose e papel	10,8	1,0	-10,4	-0,4
Metalurgia básica	8,2	-4,4	-3,8	-1,6

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na Indústria Geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

A produção industrial da Bahia, interrompendo a série de estabilidade ou até mesmo de desempenhos trimestrais negativos, iniciada em abril de 2010, aumentou 4,9% no trimestre finalizado em maio, em relação ao encerrado em fevereiro, quando recuara 7,4%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF, do IBGE. Esse resultado refletiu, em especial, o crescimento de 21,7% da indústria petroquímica, responsável por 30,9% da produção industrial baiana, em trajetória de recuperação após a retração do nível de produção provocada pela interrupção no fornecimento de energia elétrica em fevereiro. Em sentido contrário, a produção de celulose e papel decresceu 10,4%, em decorrência da paralisação para manutenção de importante empresa do setor.

Considerados intervalos de doze meses, a indústria do estado recuou 2% em maio, em relação ao período correspondente do ano anterior, seguindo na trajetória descendente iniciada em outubro de 2010. A produção de produtos químicos decresceu 14,7% e a relativa a alimentos e bebidas, beneficiada pelo patamar dos preços da soja, milho e algodão, aumentou 10%, no período.

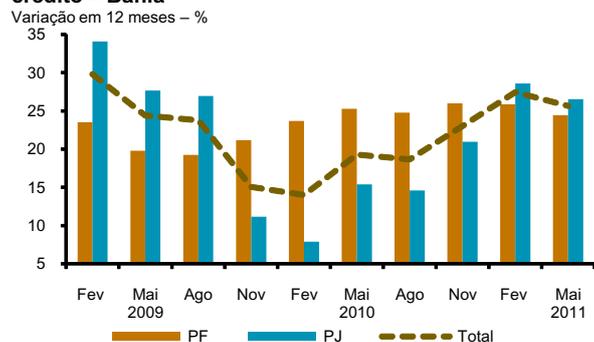
O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (Iceb), estimado pela Sei, alcançou 120,7 pontos em maio, ante 132 pontos em fevereiro, permanecendo, todavia, na zona definida como de otimismo moderado.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas na Bahia atingiu R\$54,9 bilhões em maio, elevando-se 6,6% no trimestre e 25,7% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas jurídicas somaram R\$32,4 bilhões, expandindo-se 7,4% no trimestre e 26,5% em doze meses, ressaltando-se as modalidades empréstimos de capital de giro e financiamentos à exportação. Os empréstimos realizados no segmento de pessoas físicas totalizaram R\$22,6 bilhões, aumentando 5,6% e 24,4% nas bases de comparação mencionadas, e concentraram-se nas modalidades financiamentos imobiliários e de veículos, e empréstimos consignados, que, em conjunto, responderam por 60,2% do estoque desta carteira.

A taxa de inadimplência nas operações de crédito no estado atingiu 3,4% em maio, ante 3,3% em fevereiro, refletindo os aumentos de 0,2 p.p. registrados nos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas, nos quais a taxa situou-se, na ordem, em 5% e 2,3%.

A safra de grãos da Bahia deverá totalizar o recorde de 8,4 milhões de toneladas em 2011, de acordo com LSPA

Gráfico 2.8 – Evolução do saldo das operações de crédito – Bahia^{1/}



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Tabela 2.10 – Produção agrícola – Bahia

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção		Variação %
		2010	2011 ^{2/}	
Grãos				
Soja	16,6	3 113	3 515	12,9
Algodão herbáceo	9,1	996	1 529	53,5
Milho	7,0	2 223	2 605	17,1
Feijão	3,4	307	432	40,6
Outros grãos ^{3/}	1,2	208	332	59,6
Outras lavouras				
Cacau	6,9	149	152	1,8
Café	6,2	185	151	-18,7
Banana	6,1	1 079	1 087	0,8
Mandioca	5,9	3 211	3 599	12,1
Cana-de-açúcar	3,3	4 976	5 333	7,2

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2009.

2/ Segundo o LSPA de junho de 2011.

3/ Amendoim, Arroz, Mamona, Sorgo

Tabela 2.11 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia			Brasil
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	4 144	4 906	18,4	32,6
Básicos	668	813	21,7	45,2
Industrializados	3 475	4 093	17,8	22,8
Semimanufaturados	1 223	1 563	27,8	30,7
Manufaturados ^{1/}	2 253	2 530	12,3	20,0

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.12 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia			Brasil
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	3 234	3 668	13,4	29,6
Bens de capital	635	480	-24,5	28,5
Bens intermediários	2 004	2 465	23,0	25,8
Bens de consumo	428	563	31,7	32,2
Duráveis	394	520	31,9	37,1
Não duráveis	33	44	30,1	25,6
Combustíveis e lubrificantes	167	161	-3,9	40,4

Fonte: MDIC/Secex

realizado pelo IBGE em junho, equivalendo a 50,1% da produção nordestina. O acréscimo anual de 22,9%, decorrente de aumentos de 16,3% no rendimento médio e de 5,6% na área plantada, reflete, em especial, os aumentos estimados para as safras de sorgo, 108,7%, e algodão herbáceo, 53,5%, impulsionados pelo patamar favorável das respectivas cotações. Adicionalmente, as perspectivas de condições meteorológicas mais favoráveis traduzem-se em estimativas de acréscimo anual de 40,6% para a cultura de feijão e de 17,1% para a de milho. Em relação às demais lavouras, ressaltam-se as variações projetadas para as produções de mandioca, 12,1%, e de café, -18,7, esta evidenciando o ciclo bianual de baixa produtividade da cultura e a redução de 11,9% na área do respectivo plantio.

A balança comercial da Bahia assinalou superávit de US\$1,2 bilhão nos seis primeiros meses do ano, resultado 36% superior ao registrado em igual período de 2010. As exportações totalizaram US\$4,9 bilhões e as importações, US\$3,7 bilhões, elevando-se 18,4% e 13,4%, respectivamente.

A evolução das vendas externas decorreu de variações de 23,4% nos preços e de -4,1% no *quantum* exportado. Os embarques de produtos industrializados, representando 83,4% da pauta exportadora, aumentaram 17,8% no período, refletindo as elevações nas exportações de semimanufaturados, 27,8%, e de manufaturados, 12,3%. As exportações de produtos básicos cresceram 21,7%, com destaque para as vendas de soja. Argentina, EUA e China absorveram, em conjunto, 38,8% das exportações da Bahia.

A elevação das importações refletiu as variações registradas nos preços, 25,4%, e no *quantum*, -9,6%. As aquisições de bens de consumo, sensibilizadas pelas relativas a automóveis, aumentaram 31,7%, enquanto as referentes a bens intermediários, que responderam por 67,2% da pauta do período, cresceram 23%. As importações de bens de capital recuaram 24,5% e as relativas a combustíveis e lubrificantes, 3,9%. O Chile, principal parceiro comercial no período, se constituiu no mercado de origem de 15,6% das importações do estado, enquanto as aquisições provenientes da Argentina e Argélia representaram, em conjunto, 24,5% do total adquirido pelo estado.

De acordo com o Caged/MTE, foram criados 25,1 mil empregos formais na Bahia no trimestre finalizado em maio, ante eliminação de 6,7 mil naquele encerrado em fevereiro, dos quais 82,3% nas atividades agropecuária,

Tabela 2.13 – Evolução do emprego formal – Bahia

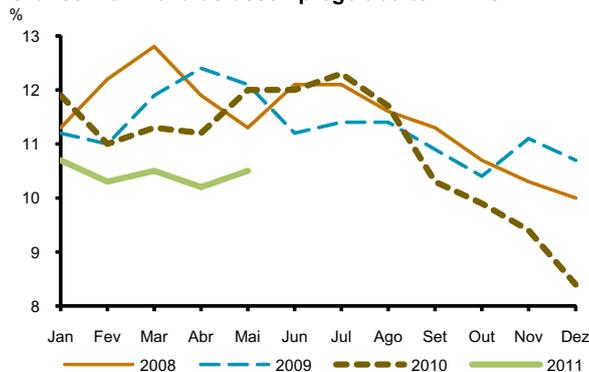
Novos postos de trabalho

Discriminação	2010			2011	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	37,1	23,0	28,0	-6,7	25,1
Indústria de transformação	8,2	3,1	3,6	-3,0	2,9
Comércio	1,5	1,0	11,2	2,2	0,8
Serviços	7,3	9,7	12,0	3,6	6,8
Construção civil	9,6	9,2	4,1	-8,7	6,8
Agropecuária	10,0	-0,6	-3,6	-1,0	7,1
Serviço industrial de utilidade pública	0,1	0,2	0,2	0,1	0,2
Outros ^{2/}	0,5	0,5	0,5	0,1	0,5

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 2.9 – Taxa de desemprego aberto – RMS

Fonte: IBGE

Tabela 2.14 – IPCA – Salvador

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2010		2011	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	-0,16	2,34	1,98	1,23
Livres	70,0	-0,09	2,71	1,79	1,05
Comercializáveis	35,0	0,58	3,67	-0,27	0,54
Não comercializáveis	35,0	-0,78	1,73	3,96	1,57
Monitorados	30,0	-0,34	1,45	2,41	1,64
Principais itens					
Alimentação	25,2	-1,06	5,69	1,42	0,75
Habituação	10,8	0,21	1,19	0,44	5,25
Artigos de residência	3,7	0,68	0,41	0,57	0,90
Vestuário	8,5	1,96	2,84	0,59	1,99
Transportes	18,1	-0,72	1,64	3,82	-0,81
Saúde	12,5	0,70	0,70	0,70	1,60
Despesas pessoais	9,4	-0,57	1,55	2,39	2,52
Educação	7,0	-0,21	-0,15	7,43	0,02
Comunicação	4,9	-0,13	0,64	-0,02	-0,07

Fonte: IBGE

1/ Referentes a junho de 2010.

serviços e construção civil. A indústria de transformação criou 2,9 mil novos empregos, ante extinção de 3 mil postos de trabalho no trimestre terminado em fevereiro. O nível do emprego formal aumentou 1% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, ressaltando-se a elevação de 1,3% assinalada no setor de serviços, considerados dados dessazonalizados.

Considerados os cinco primeiros meses do ano, o mercado de trabalho baiano gerou 35,7 mil empregos formais, ante 57,6 mil no período correspondente de 2010, redução decorrente, em especial, da menor oferta de vagas registrada na indústria de transformação e na construção civil.

A taxa média de desemprego da Região Metropolitana de Salvador (RMS) atingiu, de acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, 10,4% no trimestre finalizado em maio, maior taxa entre as regiões metropolitanas abrangidas pela pesquisa. A redução de 1,1 p.p. em relação a igual período de 2010 refletiu os recuos respectivos de 1,9% e 0,6% observados na População Economicamente Ativa (PEA) e na população ocupada. O rendimento médio real habitualmente recebido pelos trabalhadores aumentou 2% no período enquanto, considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego da RMS decresceu 0,2 p.p. em relação ao trimestre encerrado em fevereiro.

O IPCA da RMS variou 1,23% no trimestre encerrado em junho, ante 1,98% naquele finalizado em março, com a variação dos preços livres se deslocando de 1,79% para 1,05%, e a dos monitorados, de 2,41% para 1,64%, esta decorrente, em parte, de recuos nos preços das passagens aéreas, 7,50%, e da gasolina, 5,49%. A evolução dos preços livres traduziu a desaceleração, de 3,96% para 1,57%, assinalada nos preços dos bens não comercializáveis, influenciada, em parte, pela redução de 1,94% nos preços dos alimentos *in natura*. Os preços dos itens comercializáveis, após recuo de 0,27% no trimestre finalizado em março, aumentaram 0,54%, com ênfase nos aumentos relacionados aos itens vestuário masculino, 3,66%, e feminino, 1,96%. O índice de difusão, evidenciando maior disseminação da inflação na RMS, atingiu 71,7% no trimestre, elevando-se 12,2 p.p. no período.

Considerados períodos de doze meses, o IPCA cresceu 5,48% em junho, em relação a igual intervalo de 2010, ante 5,69% em março, evolução decorrente de desaceleração, de 5,91% para 5,56%, dos preços livres, e aceleração, de 5,14% para 5,24%, nos monitorados.

A economia baiana deverá continuar trajetória de crescimento, registrando, contudo, ritmo de expansão inferior ao apresentado em 2010, em parte, reflexo das medidas adotadas pela autoridade monetária visando assegurar a estabilidade dos preços. Nesse cenário, o dinamismo do mercado interno, influenciado pelos programas de transferência de renda e pelo mercado de trabalho, as perspectivas favoráveis para a produção de grãos no estado, além dos investimentos públicos em infraestrutura e relacionados à realização da Copa do Mundo, que se adicionam aos privados, devem garantir a continuidade da expansão da economia baiana em 2011.

Ceará

A economia do Ceará registrou desempenho favorável no primeiro trimestre de 2011. Nesse sentido, de acordo com dados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece), dessazonalizados pelo Banco Central, o Produto Interno Bruto (PIB) do estado cresceu 2,9% em relação ao trimestre encerrado em dezembro de 2010, quando recuara 1,1%, nessa base de comparação. O setor de serviços, representando cerca de 70% do PIB local, expandiu-se em 1,5%; a agropecuária, beneficiada pelas condições meteorológicas adequadas registradas no início do ano, 23,4%; e a indústria, 2,3%. Nos meses subsequentes, o ritmo de crescimento dos indicadores relacionados às atividades varejista e agropecuária e ao mercado de trabalho revelou moderação da atividade no Ceará. Nesse cenário, o IBCR-CE aumentou 3,1% no trimestre encerrado em maio, comparativamente ao terminado em fevereiro, quando se elevava 4,1%, neste tipo de análise.

Gráfico 2.10 – Índice Regional de Atividade Econômica do Banco Central – Ceará (IBCR-CE)

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

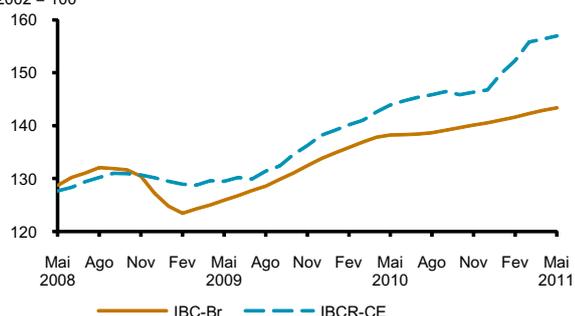
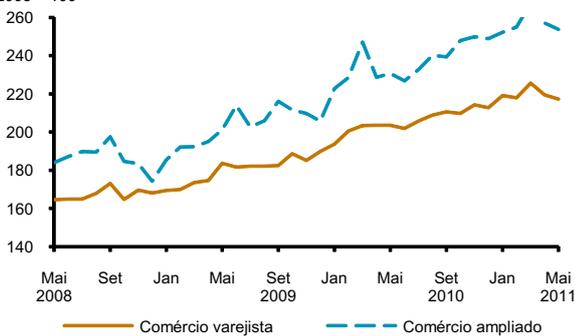


Gráfico 2.11 – Comércio varejista – Ceará

Dados dessazonalizados
2003 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.15 – Comércio varejista – Ceará

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2010		2011	
		Fev. ^{1/}	Mai. ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	14,0	2,4	1,9	11,7
Combustíveis e lubrificantes	3,5	-3,0	-1,3	-0,6
Hiper e supermercados	18,7	1,7	2,3	15,0
Móveis e eletrodomésticos	17,0	4,2	12,5	14,1
Livros, jornais, revistas e papelaria	30,1	-9,2	7,8	48,9
Comércio ampliado	17,1	2,6	2,9	13,5
Automóveis e motocicletas	23,6	5,5	0,7	18,0
Material de construção	12,0	5,4	1,6	5,0

Fonte: IBGE

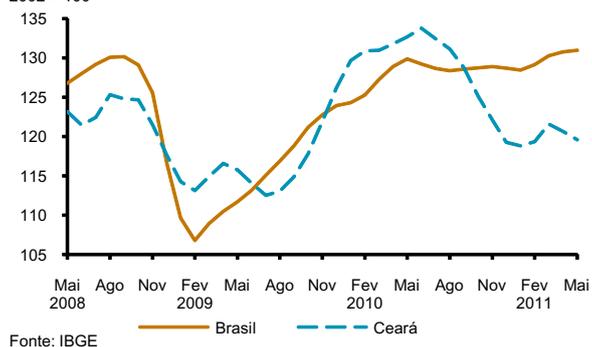
1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O comércio varejista do estado cresceu 1,9% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando se elevava 2,4%, neste tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. Registraram-se, no período, aumentos nas vendas em seis dos nove segmentos considerados na pesquisa, com destaque para os referentes a móveis e eletrodomésticos, 12,5%, e livros, jornais, revistas e papelaria, 7,8%. Incorporados os crescimentos nas vendas de material de construção, 1,6%, e de veículos, motos, partes e peças, 0,7%, o comércio ampliado cearense apresentou elevação trimestral de 2,9%.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas do estado cresceram 11,7% em maio, em relação a igual intervalo de 2010, com ênfase nos aumentos observados nos segmentos livros, jornais, revistas e papelaria, 48,9%, e artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos, 17,5%. A expansão do comércio ampliado, refletindo as variações observadas nas vendas de veículos, motos, partes e peças, 18%, e de material de construção, 5%, atingiu 13,5% no período.

A produção industrial do Ceará decresceu 1,5% no período de doze meses finalizado em maio, em comparação ao correspondente em 2010, de acordo com a PIM-PF do IBGE. Ocorreram retrações em cinco dos dez segmentos pesquisados, ressaltando-se os recuos nas indústrias de calçados e artigos de couro, 11,7%, e têxtil, 9,3%, e o aumento de 6,2% na produção de alimentos e bebidas,

Gráfico 2.12 – Produção industrial – Ceará
 Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
 2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.16 – Produção industrial – Ceará
 Geral e setores selecionados

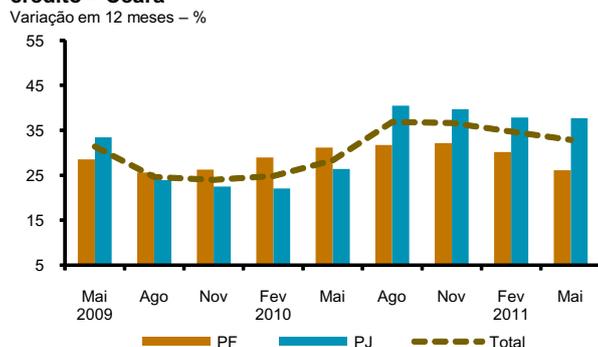
Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2010	2011	12 meses
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	
Indústria geral	100,0	-2,3	0,2	-1,5
Alimentação e bebidas	30,3	0,9	-3,8	6,2
Têxtil	21,0	3,1	3,1	-9,3
Calçados e artigos de couro	16,6	-7,7	-2,9	-11,7
Química	10,4	-2,2	11,4	0,7
Refino de petróleo e álcool	4,9	-19,2	-22,2	0,5
Vestuário e acessórios	4,6	-0,3	-1,0	-6,0

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.13 – Evolução do saldo das operações de crédito – Ceará^{1/}
 Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

atividade de maior peso na estrutura industrial do estado. A análise de dados dessazonalizados revela que, na margem, a produção industrial cearense cresceu 0,2% no trimestre finalizado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando decrescera 2,3%, no mesmo tipo de comparação, destacando-se a expansão de 11,4% na indústria química.

Estatísticas interanuais do Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará (Indi), da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec), ratificam o menor dinamismo do setor industrial do estado. Nesse sentido, o faturamento real da indústria de transformação, a remuneração real, o pessoal empregado e o número de horas trabalhadas registraram variações respectivas de 1,6%, 0,6%, -0,6% e -5,5% no intervalo de doze meses encerrado em maio, ante 7%, 4,8%, 3,4% e -1,7%, em fevereiro. O nível médio de utilização da capacidade instalada atingiu 85,8% no período de doze meses finalizado em maio, ante 87,7% em fevereiro e 87,9% em igual período do ano anterior.

As operações de crédito superiores a R\$5 mil atingiram R\$28,8 bilhões em maio, elevando-se 5,3% no trimestre e 32,9% em doze meses. O estoque contratado no segmento de pessoas jurídicas totalizou R\$17,4 bilhões, aumentando 5,6% e 37,7% nas bases de comparações mencionadas, destacando-se as operações relacionadas aos setores energia elétrica e indústria da moda. O volume relativo ao segmento de pessoas físicas totalizou R\$11,4 bilhões, elevando-se 4,8% no trimestre e 26,1% em doze meses, com ênfase nas operações de crédito consignado e de financiamentos habitacionais e de automóveis, que representaram, em conjunto, 67,5% desta carteira. A taxa de inadimplência atingiu 3,4% em maio, ante 2,99% em fevereiro, elevação derivada de variações respectivas de 0,43 p.p. e 0,48 p.p. nos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas, nos quais as taxas situaram-se, na ordem, em 4,92% e 2,45%.

A safra de grãos do estado deverá totalizar 1,4 milhão de toneladas em 2011, de acordo com o LSPA de junho do IBGE, elevando-se 323% no ano e situando-se em patamar superior ao recorde alcançado em 2006. Essa previsão traduz, em grande parte, o acréscimo de 467,9% projetado para a safra de milho, que deverá ser responsável por cerca de 70% da produção total de grãos do estado. Vale ressaltar que essa projeção, refletindo os impactos da expansão do programa de plantação de milho híbrido, com alto valor produtivo, e das condições climáticas favoráveis, resulta de ampliações de 33% na área de cultivo e de 326,8% na produtividade média. As culturas de feijão e de arroz

Tabela 2.17 – Produção agrícola – Ceará

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/} (%)	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Var. % 2011/2010
		2010	2011	
Produção de grãos		335	1 417	323,0
Feijão	11,83	83	284	241,2
Milho	14,00	175	993	467,9
Arroz (em casca)	3,83	64	97	51,2
Outras lavouras selecionadas				
Banana	12,31	445	476	6,8
Mandioca	7,23	621	845	36,2
Abacaxi (mil frutos)	1,38	11	11	-2,5
Castanha-de-caju	6,03	40	165	316,3

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2009.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2011.

Tabela 2.18 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará			Brasil
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	595	610	2,5	32,6
Básicos	157	155	-1,6	45,2
Industrializados ^{1/}	438	456	4,0	23,0
Semimanufaturados	111	139	25,8	30,7
Manufaturados ^{1/}	327	317	-3,3	20,5

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.19 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará			Brasil
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	771	939	21,7	29,5
Bens de consumo	42	65	54,1	33,3
Duráveis	20	31	52,7	38,8
Não duráveis	22	34	55,5	26,1
Bens intermediários	597	619	3,7	24,7
Bens de capital	115	203	77,5	30,4
Combustíveis e lubrificantes	18	51	188,6	39,2

Fonte: MDIC/Secex

deverão apresentar crescimentos respectivos de 241,2% e 51,2%, enquanto em relação às demais culturas, ressaltam-se os aumentos estimados para as safras da castanha-de-caju, 316,3%, e mandioca, 36,2%.

A balança comercial do Ceará apresentou déficit de US\$328,5 milhões no primeiro semestre de 2011, ante US\$176 milhões em igual período de 2010, conforme estatísticas do MDIC. As exportações totalizaram US\$610,4 milhões e as importações, US\$938,9 milhões, aumentando, na ordem, 2,5% e 21,7%.

O crescimento das exportações, decorrente de variações de 28,9% nos preços e de -20,4% no *quantum*, refletiu, em especial, o aumento de 25,8% nos embarques de produtos semimanufaturados, impulsionado pelos acréscimos respectivos de 45,3% e 6,1% nas vendas de ceras vegetais e de couros e peles, principal item da categoria. Em sentido oposto, as exportações de produtos básicos recuaram 1,6% e as de manufaturados, 3,3%, com ênfase no impacto da retração de 48,6% nos embarques de calçados, suas partes e componentes. EUA, Argentina, Itália, Reino Unido e China adquiriram, em conjunto, 55,2% das exportações do estado no período.

A expansão das importações cearenses, generalizada em todas as categorias de uso, refletiu as variações registradas nos preços, 21,3%, e no *quantum*, 0,4%. As aquisições de combustíveis e lubrificantes cresceram 188,6%, seguindo-se as elevações nas relativas a bens de capital, 77,5%, estimulada pelo aumento de 152,6% nas compras de aviões e pelas importações de caminhões guindastes, US\$28,1 milhões, sem correspondência no mesmo período de 2010; bens de consumo 54,1%; e bens intermediários, 3,7%, responsáveis por 65,9% das importações do estado. Ressaltem-se, nesta categoria, os aumentos nas compras de outros tipos de algodão não cardado nem penteado, 622,7%, e de algodão simplesmente debulhado não cardado nem penteado, 630,2%, que, utilizados pelo setor têxtil, que detém participação expressiva na estrutura industrial do estado, passaram a ocupar, na ordem, a 2ª e a 3ª posições na pauta de importação cearense. As aquisições de produtos originários dos EUA, China, Argentina, Alemanha e Itália representaram, em conjunto, 59,3% das importações do estado no período. Ressalte-se a elevação de 121,1% nas compras provenientes dos EUA, impactadas, em parte, pelas importações de algodão.

A economia do Ceará gerou, de acordo com o Caged/MTE, 8,6 mil empregos formais no trimestre encerrado em

Tabela 2.20 – Evolução do emprego formal – Ceará

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010			2011	
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	20,3	26,6	22,8	4,5	8,6
Indústria de transformação	3,8	6,8	3,4	-3,1	-0,9
Serv. ind. de utilidade pública	-0,1	0,1	0,1	0,0	0,1
Construção civil	5,0	4,7	1,2	-0,2	1,0
Comércio	2,9	3,3	8,6	2,5	1,9
Serviços	9,4	8,4	8,3	7,6	6,7
Agropecuária	-0,7	2,1	1,1	-2,0	-0,3
Outros ^{2/}	0,0	1,2	0,1	-0,2	0,2

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Tabela 2.21 – IPCA – Fortaleza

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2010	2011		Ano
		Ano	I Tri	II Tri	
IPCA	100,0	6,53	2,38	1,15	7,17
Livres	72,2	8,31	2,57	1,26	8,56
Comercializáveis	38,1	7,89	1,40	1,24	8,51
Não comercializáveis	34,1	8,81	3,91	1,28	8,64
Monitorados	27,8	2,16	1,90	0,86	3,67
Principais itens					
Alimentação	25,8	11,16	2,53	-0,19	9,73
Habitação	13,5	4,94	1,14	0,44	3,01
Artigos de residência	3,3	2,72	-0,84	1,48	0,72
Vestuário	8,6	14,32	3,77	5,67	20,81
Transportes	15,7	0,52	3,20	1,04	4,25
Saúde	12,1	4,04	1,94	1,97	5,66
Despesas pessoais	8,8	6,69	2,69	1,78	8,24
Educação	7,1	7,83	6,12	1,25	8,07
Comunicação	5,1	0,55	0,43	0,34	0,93

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2011

maio de 2011, ante 20,3 mil em igual período do ano anterior. A redução refletiu, em especial, o desempenho da indústria de transformação, da construção civil e do setor de serviços, responsáveis, em conjunto, pela criação de 6,8 mil vagas, ante 18,2 mil no trimestre finalizado em maio de 2010.

Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal cresceu 1,4% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, registrando-se aumentos em todas as oito atividades pesquisadas, com destaque para os relacionados às atividades agropecuária, 4,4%, e extrativa mineral, 3%.

A variação do IPCA na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) atingiu 1,15% no trimestre encerrado em junho, ante 2,38% naquele finalizado em março, reflexo de desacelerações nos preços livres, de 2,57% para 1,26%, e nos monitorados, de 1,90% para 0,86%. Em relação aos preços monitorados, destaquem-se os aumentos nos itens produtos farmacêuticos, 2,70%, e ônibus urbano, 2,56%, e as retrações em passagem aérea, 3,56%, e de ônibus interestadual, 2,49%.

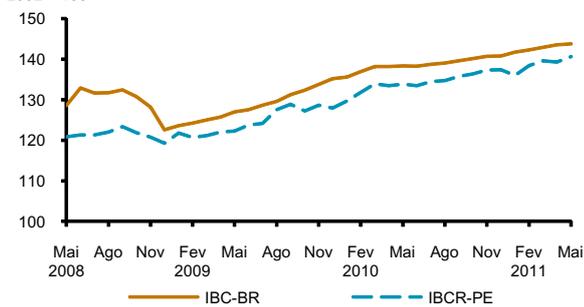
A desaceleração dos preços livres refletiu o menor crescimento dos preços dos itens comercializáveis, de 1,40% para 1,24%, influenciado pelas reduções registradas nos preços dos itens arroz, 5,76%, e carnes, 2,74%, e dos itens não comercializáveis, de 3,91% para 1,28%, favorecido pelos recuos nos preços dos itens hotel, 6,28%, e alimentos *in natura*, 1,98%. O índice de difusão, evidenciando menor disseminação dos reajustes de preços na região, decresceu 1,1 p.p no trimestre, totalizando 35,3%.

O ritmo de crescimento da economia do Ceará em 2011, embora registre arrefecimento em relação ao ano anterior, deverá ser impactado favoravelmente pelo dinamismo do mercado interno, em ambiente de aumento da massa salarial e manutenção dos programas sociais do governo federal. Também deverão concorrer para isso a renda associada à atividade turismo, a recuperação do setor agrícola, os investimentos estaduais em infraestrutura e a intensificação das obras relacionadas à copa do mundo em 2014.

Pernambuco

Gráfico 2.14 – Índice de Atividade Econômica Brasil e Pernambuco

Dados dessazonalizados
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.22 – Comércio varejista – Pernambuco

Geral e setores selecionados

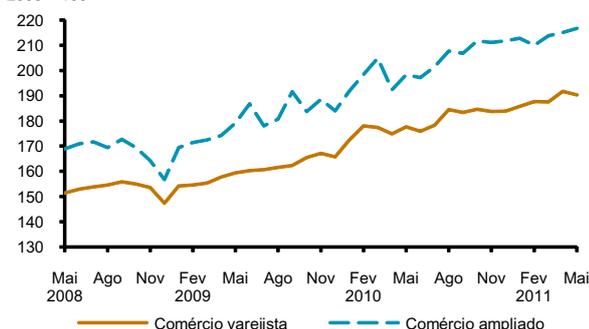
Setores	Variação % no período			
	2010		2011	
	nov/1/	fev/1/	mai/1/	12 meses
Comércio varejista	2,4	1,0	2,2	9,6
Combustíveis e lubrificantes	3,9	2,3	5,0	9,1
Hiper, supermercados	0,0	-4,3	1,5	2,2
Tecidos, vestuário e calçados	4,6	2,2	5,0	15,3
Móveis e eletrodomésticos	12,8	12,6	1,7	29,8
Comércio ampliado	4,4	1,2	1,7	10,5
Automóveis e motocicletas	8,1	0,7	0,3	12,4
Material de construção	1,2	0,1	2,0	9,3

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.15 – Comércio varejista – Pernambuco

Dados dessazonalizados
2003 = 100



Fonte: IBGE

O PIB do estado cresceu 1,9% no trimestre encerrado em março, em relação ao finalizado em dezembro de 2010, quando se expandiu 2,1%, neste tipo de comparação, de acordo dados dessazonalizados da Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (Condepe/Fidem). A trajetória mais recente dos principais indicadores econômicos do estado revela maior dinamismo da atividade no estado do que no país. Nesse sentido, enquanto o Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br) aumentou 1,3% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, o IBCR-PE variou 1,9%, com ênfase na recuperação do comércio e das indústrias de metalurgia básica e de alimentos e bebidas.

As vendas varejistas do estado cresceram 2,2% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro, quando se elevaram 1%, neste tipo de análise, considerados dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Ocorreram aumentos em todos os segmentos incluídos na pesquisa, destacando-se os associados a combustíveis e lubrificantes, e a tecidos, vestuário e calçados, ambos de 5%. O comércio ampliado, refletindo as elevações de 2% nas vendas de material de construção e de 0,3% nas relativas a automóveis e motocicletas registrou expansão de 1,7% no trimestre. Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista e o comércio ampliado de Pernambuco cresceram, na ordem, 9,6% e 10,5% em maio, em comparação a igual intervalo de 2010.

A produção da indústria pernambucana aumentou 1,8% no trimestre encerrado em maio, em relação ao terminado em fevereiro, quando recuara 2%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF, do IBGE. Vale enfatizar que esse resultado, favorecido por expansões respectivas de 11,4% e 7,2% nas atividades minerais não-metálicos e metalurgia básica sucede a três recuos trimestrais consecutivos, que evidenciaram, em especial, o impacto da quebra de safra da cana-de-açúcar sobre a indústria sucroalcooleira, que representa cerca de 20% da produção industrial do estado.

Considerados períodos de doze meses, a indústria estadual cresceu 1% em maio, em relação a igual intervalo de 2010, ante 7,5% em fevereiro, ressaltando-se as expansões nas indústrias de borracha e plástico, 14,5%, e de produtos de metal, 13,1%, e o recuo de 8,1% na relativa a metalurgia básica.

Tabela 2.23 – Produção industrial – Pernambuco

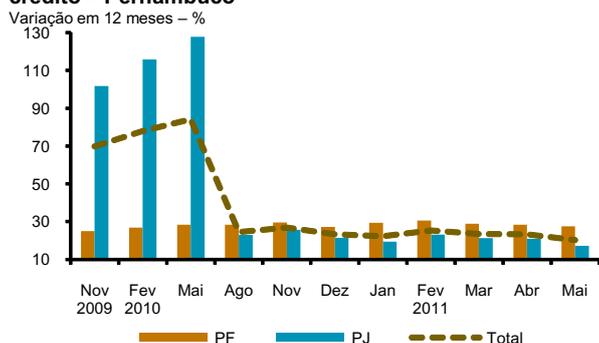
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2011	Variação % no período		
		Fev ^{2/}	Mai ^{2/}	Acum.
		12 meses		
Indústria geral	100,0	-2,0	1,8	1,0
Alimentação e bebidas	38,3	-4,0	2,9	-3,1
Metalurgia básica	15,7	-13,3	7,2	-8,1
Química	14,9	-5,5	3,0	2,9
Minerais não-metálicos	7,4	-4,6	11,4	7,9
Produtos de metal	5,7	11,7	1,7	13,1
Borracha e plástico	5,4	1,8	1,3	14,5

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.16 – Evolução do saldo das operações de crédito – Pernambuco^{1/}

1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Tabela 2.24 – Produção agrícola – Pernambuco

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2010	2011 ^{1/}	
Grãos				
Feijão	6,9	62	125	102,0
Milho	3,1	70	165	137,1
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	40,7	19 709	18 512	-6,1
Uva	16,0	178	209	17,4
Cebola	5,8	108	92	-15,0
Banana	5,6	517	471	-9,0
Mandioca	4,6	815	374	-54,2

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2009

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2011.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil, realizadas no estado, totalizou R\$45,3 bilhões em maio, expandindo-se 2% no trimestre e 20,3% em doze meses, ressaltando-se as operações relacionadas às atividades indústria química e comércio. O estoque das operações contratadas no segmento de pessoas físicas atingiu R\$14,7 bilhões, aumentando, na ordem, 4,7% e 27,4% nas bases de comparação mencionadas, e o referente a pessoas jurídicas somou R\$30,6 bilhões, elevando-se 0,8% no trimestre e 17,1% em doze meses. A inadimplência relativa a essas operações de crédito atingiu 2,48% em maio, ante 2,21% em fevereiro, elevando-se 0,27 p.p., para 4,85%, no segmento de pessoas físicas e 0,25 p.p., para 1,37%, no relativo a pessoas jurídicas.

A cultura de cana-de-açúcar, responsável, segundo a Pesquisa Agropecuária Municipal (PAM-2009), por cerca de 40% do valor da produção agrícola do estado, deverá registrar recuo anual de 6,1% em 2011, de acordo com o LSPA de junho do IBGE, resultado de reduções de 3,9% na área plantada e de 2,3% no rendimento médio. Em sentido oposto, a colheita de grãos, após decrescer 27% em 2010, deverá aumentar 103%, reflexo de crescimento de 112% no rendimento, em função de normalização das condições meteorológicas, e de retração de 4,4% na área plantada. Em relação às demais culturas do estado, resalte-se a projeção de aumento de 17,4% para a safra de uva, com ênfase na elevação de 15% na respectiva produtividade média.

A balança comercial de Pernambuco acumulou déficit de US\$1,7 bilhão no primeiro semestre de 2011, ante US\$0,8 bilhão em igual período de 2010, de acordo com estatísticas do MDIC. As exportações somaram US\$466,7 milhões e as importações, US\$2,2 bilhões, assinalando variações respectivas de -9,9% e 66,4%.

O recuo das exportações, resultante de retração de 26,5% no *quantum* e elevação de 22,6% nos preços, decorreu de reduções nas vendas em todas as categorias de fator agregado, sobressaindo o impacto do decréscimo de 11,7% nos embarques de açúcar, principal produto de exportação do estado.

O aumento das importações foi impulsionado por variações de 51,7% no *quantum* e de 9,7% nos preços. Ressaltem-se as elevações de 116,1% nas aquisições de bens de capital, com ênfase no aumento de 164,5% – consistente com o dinamismo dos investimentos no estado – nas compras de maquinaria industrial, e de 42,9% nas associadas a bens intermediários.

Tabela 2.25 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	518	467	-9,9	32,6
Básicos	24	20	-15,4	45,2
Industrializados	494	447	-9,6	22,8
Semimanufaturados	189	165	-12,8	30,7
Manufaturados ^{1/}	305	282	-7,7	20,0

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.26 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-junho

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	1 318	2 192	66,4	29,6
Bens de consumo	148	275	86,0	32,2
Duráveis	58	142	143,7	37,1
Não duráveis	90	133	48,5	25,6
Bens intermediários	749	1070	42,9	25,8
Bens de capital	221	477	116,1	28,5
Combustíveis e lubrificantes	200	370	84,9	40,4

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.27 – Evolução do emprego formal – Pernambuco

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010		2011		
	Mai	Ago	Nov	Fev	Mai
Total	-3,8	44,3	61,4	-8,5	0,7
Indústria de transformação	-20,4	11,2	28,8	-10,4	-14,8
Comércio	3,0	2,6	10,0	0,2	2,1
Serviços	9,1	9,9	12,4	6,3	7,9
Construção civil	4,2	9,9	10,8	2,3	3,5
Agropecuária	-0,3	10,4	-0,7	-7,3	1,1
Serv. ind. de util. pública	0,7	0,3	0,2	0,4	0,9
Outros ^{2/}	-0,1	0,1	0,0	0,0	0,0

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

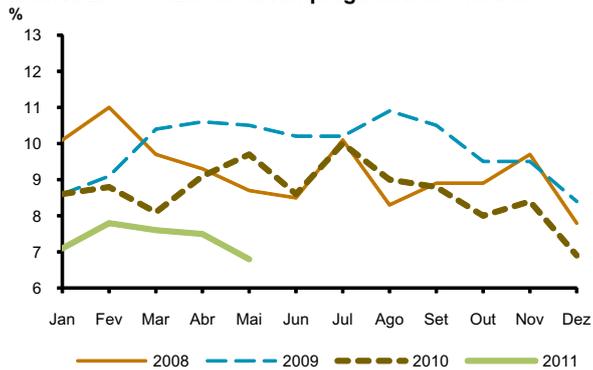
2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

A economia pernambucana gerou, de acordo com o Caged/MTE, 0,7 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em maio de 2011, ante eliminação de 3,8 mil em igual período do ano anterior. O setor de serviços e a construção civil foram responsáveis pela criação conjunta de 11,4 mil empregos formais no trimestre, enquanto a indústria de transformação, evidenciando o corte de 14,3 mil empregos na indústria do açúcar, registrou a extinção de 14,8 mil vagas. Considerando dados dessazonalizados, o nível de emprego formal do estado cresceu 2,3% no trimestre encerrado em maio, em relação ao finalizado em fevereiro.

De acordo com a atual metodologia da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), iniciada em março de 2002, a taxa média de desemprego da Região Metropolitana de Recife (RMR) atingiu 7,3% no trimestre finalizado em maio, menor nível histórico, ante 9% em igual período do ano anterior. A retração – a mais expressiva entre as regiões metropolitanas pesquisadas – refletiu os aumentos registrados na PEA, 1,3%, e na população ocupada, 3,2%. Os rendimentos médios habituais reais elevaram-se 5,7% no trimestre, ante expansão de 3,2% no país.

O IPCA da RMR cresceu 1,63% no trimestre encerrado em junho, ante 2,22% naquele finalizado em março, resultado de desacelerações nos preços livres, de 2,27% para 1,62%, e nos monitorados, de 2,08% para 1,65%, esta favorecida por recuos de 12,05% nas passagens aéreas e de 1,71% no gás de botijão. O desempenho dos preços livres refletiu o impacto da redução de 4,11% para 2% na variação dos preços dos bens não comercializáveis, influenciada pelos recuos respectivos de 7,94% e 4,33% nos preços das frutas e das tarifas de hotel, neutralizado, em parte, pela elevação de 0,71% para 1,26% na variação dos preços dos itens comercializáveis, ressaltando-se os aumentos nos itens panificados, 9,97%, e bebidas e infusões, 3,51%. O índice de difusão, indicando menor propagação dos aumentos dos preços no estado, atingiu 63,35%, ante 66,90% no trimestre finalizado em março.

Considerados períodos de doze meses, o IPCA da RMR variou 6,08% em junho, em relação a igual intervalo de 2010, ante crescimento de 6,55% no indicador nacional. Os preços livres aumentaram 5,99%, destacando-se as elevações nos grupos vestuário, 8,08%, e alimentação e bebidas, 7,48%, e os monitorados, 6,31%, com ênfase nos aumentos registrados nos itens telefone celular, 9,51%; passagens de ônibus urbanos, 8,13%; e planos de saúde, 7,44%.

Gráfico 2.17 – Taxa de desemprego aberto – Recife

Fonte: IBGE

Os indicadores analisados apontam dinamismo da atividade econômica do estado, evidenciado pelo desempenho das vendas no varejo, da produção industrial e do emprego. Essa trajetória reflete, em parte, a reversão do impacto negativo de fatores transitórios sobre a economia estadual – sobretudo os efeitos da quebra de safra da cana-de-açúcar sobre a indústria de alimentos e bebidas e das condições meteorológicas desfavoráveis sobre a renda do setor agropecuário, observados no início do ano – e os desdobramentos da implantação de projetos de investimento, que contribuirão para a manutenção do atual ciclo de crescimento da economia do estado³.

Tabela 2.28 – IPCA – Recife

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2010		2011	
		III Tri	IV Tri	I Tri	II Tri
IPCA	100,0	-0,20	2,33	2,22	1,63
Livres	72,4	-0,21	6,22	2,27	1,62
Comercializáveis	38,7	0,40	3,62	0,71	1,26
Não comercializáveis	33,8	-0,90	10,04	4,11	2,00
Monitorados	27,6	-0,17	6,49	2,08	1,65
Principais itens					
Alimentação	27,1	-1,36	5,06	2,05	1,63
Habitação	12,5	-0,06	0,91	1,42	3,34
Artigos de residência	4,0	-0,29	2,09	0,39	0,24
Vestuário	7,7	0,25	3,75	0,66	3,23
Transportes	14,8	-0,55	0,24	2,11	0,76
Saúde	12,5	1,30	1,54	1,52	1,83
Despesas pessoais	9,3	-0,05	2,09	3,99	1,33
Educação	6,4	1,50	0,11	6,75	0,05
Comunicação	5,6	-0,02	1,35	2,13	0,66

Fonte: IBGE

^{1/} Referentes a junho de 2011.

3/ A esse respeito, consultar o box Desempenho Recente e Perspectivas para a Economia de Pernambuco, publicado na edição de abril de 2011 deste Boletim Regional.